

**OS ESTUDOS SOBRE OS TERRITÓRIOS DE QUILOMBO NAS REVISTAS
BRASILEIRAS DE GEOGRAFIA (2000 - 2019)**

**STUDIES ON QUILOMBO TERRITORIES IN BRAZILIAN GEOGRAPHY
JOURNALS (2000 - 2019)**

Aline da Fonseca Sá e Silveira

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.
Rua General Canabarro, 485, Maracanã. Rio de Janeiro/RJ, CEP 20271-204, Brasil.
E-mail: silveira_geo@yahoo.com.br

Emerson Costa de Melo

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense - Campus Avançado Maricá.
RJ 114, KM 12,5, Ubatiba. Maricá/RJ, CEP: 24908-845, Brasil.
E-mail: meloemersonc@gmail.com

Recebido em 31 de março de 2021, Aceito em 31 de agosto de 2021.

<https://doi.org/10.26512/2236-56562021e40266>

Resumo

O presente artigo coloca em evidência os estudos sobre as dinâmicas socioespaciais inerentes aos processos de formação, resistência, territorialidade e identidade dos territórios de quilombo publicados em revistas brasileiras de Geografia entre os anos de 2000-2019. O levantamento realizado ao longo das duas últimas décadas demonstrou o crescimento exponencial da produção e publicação de estudos referentes aos territórios de quilombo e quilombolas, o que nos permitiu afirmar a indissociabilidade das Leis 10.639/03 e 10.678/03, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e cria a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, respectivamente, como propulsoras de tais estudos no âmbito da Ciência Geográfica. Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico no acervo on-line de 88 periódicos de Geografia, classificados pelo Sistema de Avaliação Qualis Capes (quadriênio 2013-2016) em: A1 e A2 periódicos de excelência internacional; B1 e B2 excelência nacional; B3, B4 e B5 de média relevância e, ainda, C de baixa relevância científica, compondo uma base de dados de 2.456 exemplares de revistas analisadas. Palavras-chave: Comunidades negras, Territórios de quilombo, Periódicos de Geografia, Estudo qualitativo e quantitativo.

Abstract

This article highlights the studies about the socio-spatial dynamics inherent to the processes of formation, resistance, territoriality and identity of quilombo territories published in Brazilian Geography journals between the years 2000-2019. The survey carried out over the last two decades has shown the exponential growth in the production and publication of studies referring to quilombo and quilombolas territories, which allowed us to affirm the inseparability of Laws 10.639/03 and 10.678/03, which includes in the official curriculum of the Education Network the obligatoriness of theme “Afro-Brazilian History and Culture” and creates the Special Secretary for Policies to Promote Racial Equality, respectively, as propellers of such studies in the field of Geographic Science. Therefore, a bibliographic survey was carried out on the online collection of 88 Geography journals,

classified by the Qualis Capes Assessment System (quadrennium 2013-2016) in: A1 and A2 journals of international excellence; B1 and B2 national excellence; B3, B4 and B5 of medium relevance and, still, C of low scientific relevance, composing a database of 2.456 copies of analyzed magazines.

Keywords: Black communities, Quilombo territories, Geography journals, Qualitative and quantitative study.

Introdução

O presente artigo coloca em evidência os estudos sobre as dinâmicas socioespaciais inerentes aos processos de formação, resistência, territorialidade e identidade dos territórios de quilombo publicados em revistas brasileiras de Geografia entre os anos de 2000-2019. Os dados bibliográficos selecionados para a elaboração deste estudo foram coletados no ano de 2019, durante a realização do projeto “(Re)pensando a formação do espaço agrário brasileiro: o protagonismo negro nos setores ‘marginais’”, implementado pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Campus Carangola. O projeto teve como objetivo identificar, catalogar e quantificar, a partir da consulta ao acervo on-line das revistas brasileiras de Geografia – classificadas pelo Sistema de Avaliação Qualis Capes como A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C – os estudos sobre as temáticas inerentes ao processo de formação, resistência, territorialidade e identidade dos territórios de quilombo publicados entre os anos 2000 e 2019. Registros que compõem a base de dados estatístico-matemáticas que seguirão em análise ao longo deste estudo.

Para a compreensão da reflexão encaminhada, dividiu-se o presente artigo em duas seções. A primeira constituindo-se a partir da caracterização do universo metodológico e operacional empregado para composição da base de dados da pesquisa e, ainda, da classificação dos artigos identificados; e a segunda, por sua vez, dividida em dois eixos de análise, apresenta, primeiro, os estudos publicados entre os anos 2000 e 2009 que podem ser considerados como pioneiros no debate geográfico que se dedicaram à compreensão dos territórios de quilombo como um fenômeno socioespacial; e, posteriormente, uma análise quantitativa dos artigos publicados ao longo das duas últimas décadas pelas revistas brasileiras de Geografia.

Cabe ressaltar que durante a realização da pesquisa foi possível notar a baixa produção científica de estudos sobre os territórios de quilombo e a questão quilombola publicados entre os anos de 2000 e 2009 e que fora somente na segunda década, entre os anos de 2010 e 2019, que o debate sobre a temática em tela ganhou notoriedade na Geografia. Dito isto, espera-se com este estudo contribuir para a promoção de novas e/ou outras reflexões acerca da temática

em análise, ampliando o debate sobre o fenômeno quilombola no âmbito da Ciência Geográfica.

O método, a operacionalidade da pesquisa e a composição da base de dados

O presente estudo está fundamentado sob referenciais matemático-estatísticos comuns ao método quantitativo e apresenta o resultado de análises aplicadas em levantamento bibliográfico específico, destinado a quantificação dos estudos sobre a questão quilombola publicados pelas revistas brasileiras de Geografia, entre os anos 2000 e 2019.

Sobre o uso e aplicabilidade do método adotado, cabe sinalizar que:

[...] os processos estatísticos permitem obter, de conjuntos complexos, representações simples e constatar se essas verificações simplificadas têm relações entre si. Assim, o método estatístico significa redução de fenômenos sociológicos, políticos, econômicos etc. a termos quantitativos e a manipulação estatística, que permite comprovar as relações dos fenômenos entre si, e obter generalizações sobre sua natureza, ocorrência ou significado (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 108).

Trata-se de uma abordagem precisa, pois, a partir dos anos 2000, os periódicos acadêmicos migraram para as plataformas eletrônicas da *web*, abandonando o modelo de circulação em meio impresso, o que provocou mudanças significativas na organização das revistas.

A hospedagem das revistas em plataformas próprias disponíveis na internet, além de ampliar o campo de divulgação dos periódicos, consolidou-se como uma biblioteca on-line de acesso global. Um ambiente virtual particular de pesquisa que gerou, em cada uma das plataformas, uma base incomensurável de dados bibliográficos, o que, a nosso ver, justifica o uso de técnicas quantitativas para identificar, classificar, tabular e interpretar os dados coletados.

Deste modo, seguindo os critérios de análises quali-quantitativos propostos por Melo e Silveira (2020), foram empregados os seguintes parâmetros de investigação e análise:

- a) catalogação das revistas brasileiras de Geografia disponíveis on-line seguindo os critérios de avaliação disponibilizado pelo Sistema Qualis Capes: A1 e A2 periódicos de excelência internacional; B1 e B2 excelência nacional; B3, B4 e B5 de média relevância e C de baixa relevância científica;
- b) consulta ao acervo on-line nas plataformas *web* e seleção das edições

- publicadas entre janeiro de 2000 e dezembro de 2019;
- c) realização de levantamento bibliográfico nos exemplares selecionados por meio da análise dos títulos e resumos;
 - d) aplicação de filtro de pesquisa a partir do uso de palavras-chave específicas, como: quilombo/s, quilombola/s, territórios de quilombo, terra/s de preto, mocambo/s, palenque e comunidade negra objetivando, com isso, a seleção de artigos que possuíssem como tema central de seus debates as dinâmicas socioespaciais inerentes à questão quilombola.

Sobre o tratamento das informações, os dados coletados foram codificados e armazenados em planilhas em formato “xlsx”, tendo como referências: classificação Qualis Capes dos periódicos, nome das revistas, ano de fundação, registro dos volumes e números das revistas e a quantidade de exemplares e, quando identificada a presença de artigos sobre a temática em debate, foram adicionados o/s nome/s do/a/s autor/a/es/as, título do artigo, volume e número da edição e, por fim, o ano de publicação.

Tendo em vista a salvaguarda dos dados coletados, faz-se importante frisar que muitos dos periódicos analisados iniciaram suas edições antes dos anos 2000, ou em data posterior, e que muitas encerraram suas publicações antes de 2019. Nestes casos, foram averiguadas todas as edições publicadas no período de análise selecionado, independentemente do número de seus exemplares.

Acrescenta-se ainda que, por considerarmos o debate sobre as dinâmicas socioespaciais relacionadas à questão quilombola como um fenômeno inerente ao campo de análise da Geografia Humana, as revistas brasileiras de Geociências e de Geografia Física foram excluídas da pesquisa.

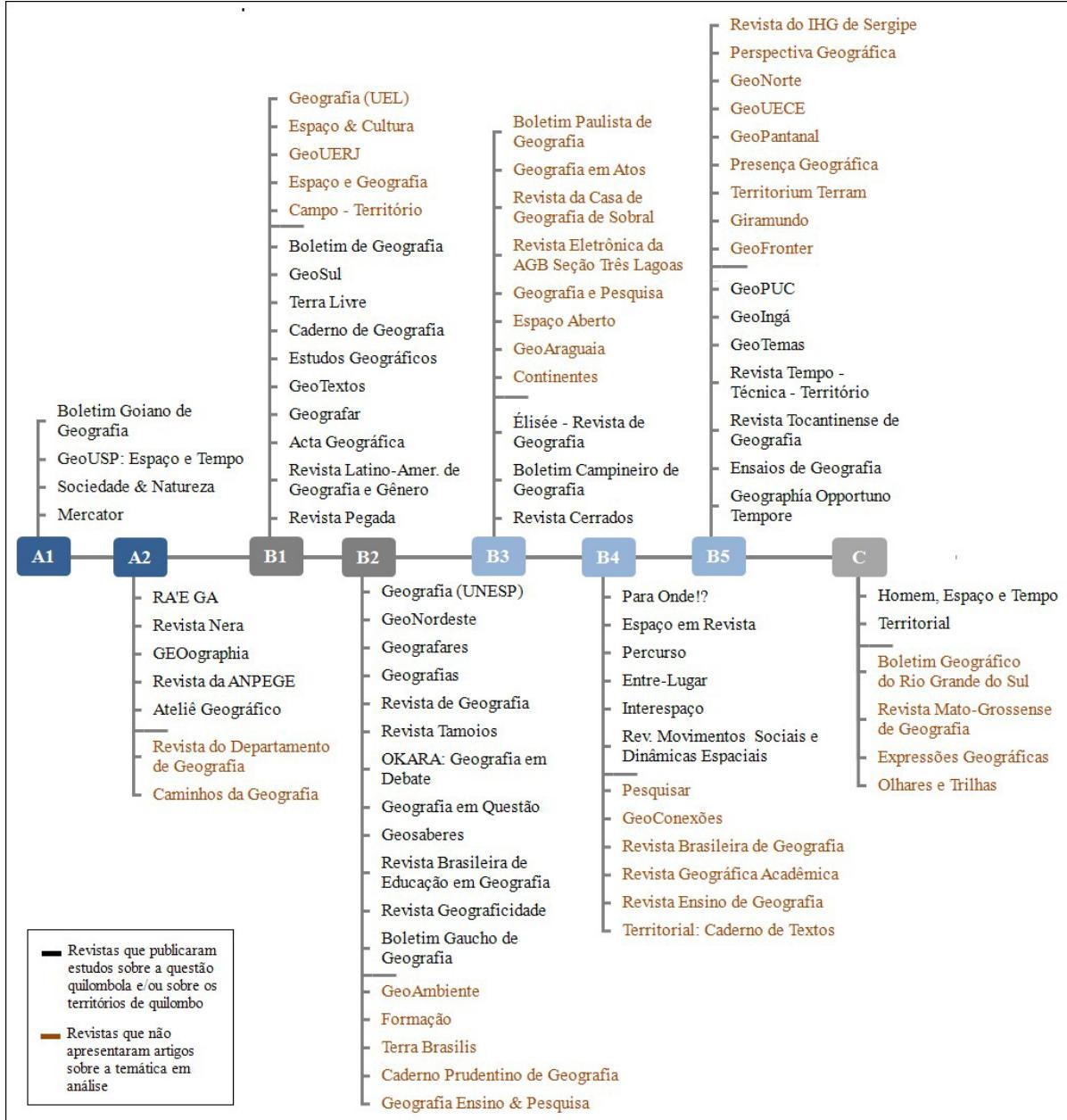
No que se refere à composição da matriz de dados utilizada na pesquisa, seguindo os critérios de análise i e ii, listados anteriormente, foram selecionadas: quatro revistas A1; sete revistas A2; quinze revistas B1; dezessete revistas B2; onze revistas B3; doze revistas B4; dezesseis revistas B5 e seis revistas C, totalizando 88¹ revistas brasileiras de Geografia e um total de 2.456 exemplares.

Contudo, após a análise dos títulos e resumos dos artigos disponíveis nos exemplares

¹ Durante a realização do inventário foram identificadas 93 revistas brasileiras de Geografia. Entretanto, as revistas: (1) Terra Plural, (2) Revista de Geografia – UFJF, (3) Revista Ciência Geográfica AGB/Bauru, (4) Revista Espaço Plural e (5) Espaço em Revista, apresentaram problemas na plataforma web o que inviabilizou a consulta de seu acervo tendo de ser desconsideradas do ambiente da pesquisa.

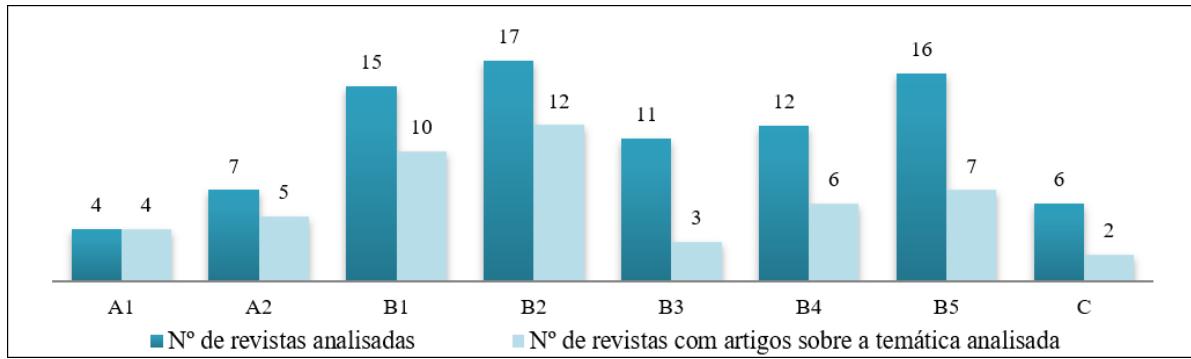
selecionados (critério iii) e da realização de buscas na plataforma *web* a partir do uso de palavras-chave (critério iv), o número de revistas diminuiu de 88 para 49 e, consequintemente, o número de exemplares foi reduzido para 111. Ou seja, houve uma redução aproximada de 45% no número de revistas e 95,5% no número de exemplares, como pode ser observado nas figuras 1, 2 e 3.

Figura 1: Revistas selecionadas para composição do banco de dados



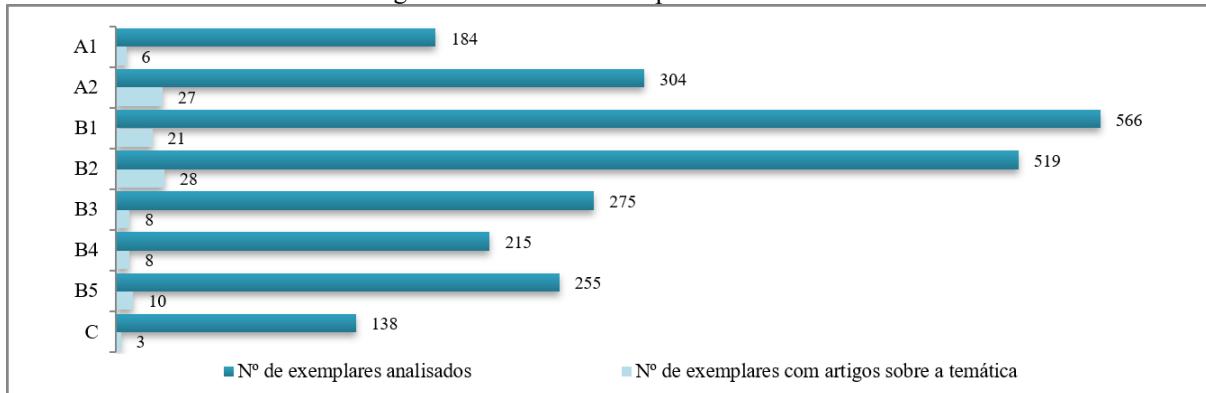
Fonte: dos autores.

Figura 2: Número de revistas analisadas



Fonte: dos autores.

Figura 3: Número de exemplares analisados.



Fonte: dos autores.

Quanto a especificação da análise quantitativa, entre os 111 exemplares encontrados, foram identificados seis artigos em revistas classificadas como A1 (Quadro 1) e 27 artigos em revistas A2 (Quadro 2); 22 artigos em revistas B1 (Quadro 3) e 30 artigos em revistas B2 (Quadro 4); oito artigos em revista B3 (Quadro 5), oito artigos em revistas B4 (Quadro 6), dez artigos em revistas B5 (Quadro 7) e, por último, três artigos em revistas C (Quadro 8), somando um total de 114 artigos. Esse resultado nos possibilitou catalogar todos os estudos sobre a questão quilombola produzida e divulgada pelas Revistas Brasileiras de Geografia.

Quadro 1: Periódicos classificados em A1 - excelência internacional

Revista	Autor e título	Ano
Bol. Goiano de Geografia	GOMES, D. L; SCHMITZ, H.; BRINGEL, F. O. Identidade e mobilização quilombola na Amazônia Marajoara.	2018
GeoUSP	ANJOS, R. S. A. dos. As geografias oficial e invisível do Brasil: algumas referências.	2015
Mercator	SILVA, S. R. da. Comunidades quilombolas e a Mata Atlântica.	2013
Sociedade & Natureza	MATOS, L. V. et. al. O conhecimento local e a etnopedologia no estudo dos agroecossistemas da comunidade quilombola de Brejo dos Crioulos.	2014
	FÉ, E. M.; GOMES, J. A. Territorialidade e sociobiodiversidade na configuração do espaço produtivo da Comunidade Olho d'Água dos Negros no município de Esperantina - PI.	2015
	SOUZA, L. B. E; CHAVEIRO, E. F. Território, ambiente e modos de vida: conflitos entre o agronegócio e a comunidade quilombola de Morro de São João, Tocantins.	2019

Fonte: dos autores.

Quadro 2: Periódicos classificados em A2 - excelência internacional

Revista	Autor e título	Ano
Ateliê Geográfico	ISOLDI, I. A.; SILVA, C. L. da. O espaço territorial como referência para a construção da cidadania: uma reflexão geográfica introdutória sobre o problema das demarcações de terras de populações remanescentes.	2009
	ALMEIDA, M. G. Territórios de quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás - patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado.	2011
	DINIZ, R. F.; TUBALDINI, M. A. dos S. O uso da biodiversidade local e da agroecologia na recuperação de áreas degradadas em territórios quilombolas nos municípios de Minas Novas e Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha/MG.	2011
	LIMA, G. D.; GIANASI, L. M. Etnoterritorialidade Quilombola de Macuco no município de Minas Novas e Chapada do Norte/Vale do Jequitinhonha-Minas Gerais, Brasil: mapeamentos e análises.	2011
	ARAUJO, M. do S. G. de; FILHO, D. L. L. Cultura, trabalho e alimentação em comunidades negras e quilombolas do Paraná.	2012
	BARROS, J. R. A percepção ambiental dos Quilombolas Kalunga do Engenho e do Vão de Almas acerca do clima e do uso da água.	2013
	MOREIRA, J. de F. R. Formas de apropriação do ambiente do Cerrado por quilombolas em Goiás: um estudo de caso sobre as comunidades Engenho II e Cedro.	2013
	DIAS, L. de O. Batismo coletivo e a construção dos nomes em terras de quilombo.	2014
	CASTRO, F. C.; SANTOS, A. M.; ARAÚJO, J. F. A salinização dos solos na concepção da comunidade quilombola de Cupira, Santa Maria da Boa Vista – Pernambuco.	2019
	PEREIRA, C. da S.; OLIVEIRA, A. M. A titulação coletiva de terras quilombolas e os conflitos por direitos territoriais no estado do Rio Grande do Norte, Brasil.	2019
Geographia	PINHEIRO, Z. C. da S.; SAHR, C. L. L. Imaginário e espacialidade vivida em narrativas quilombolas, Pimenteiras do Oeste – Rondônia, Brasil.	2019
	AVELAR, G. A.; PAULA, M. V. de. Comunidade Kalunga: trabalho e cultura em terra de negro.	2003
	FERREIRA, S. R. B. Campesinidade e território quilombola no norte do Espírito Santo.	2006
RA'E GA	TOMASI, T.; SAHR, C. L. L. Espacialidades e interações sociais: a agência de redes na “festa do padroeiro Bom Jesus” da Comunidade Quilombola de Santa Cruz (Ponta Grossa/PR).	2012
	ISOLDI, I. A.; SILVA, C. L. da. O espaço territorial como referência para a construção da cidadania: uma reflexão geográfica introdutória sobre o problema das demarcações de terras de populações “remanescentes”.	2008
	ALMEIDA, M. G. Território quilombola, etnodesenvolvimento e turismo no nordeste de Goiás.	2017
	DINIZ, R. F. Hoje tem festa na roça: o trabalhar-festar das marombas e a espaço-temporalidade da cultura afro-brasileira em territórios quilombolas do Vale do Jequitinhonha mineiro.	2017
Revista Nera	OLIVEIRA, A. R. S.; SILVA, C. H. S. Territorialidade da comunidade remanescente quilombola de Água Morna de Curiúva-PR: uma análise após 10 anos de certificação quilombola.	2018
	PEREIRA, C. S.; LIMA, F. E. de S. A espacialização da cultura e as territorialidades quilombolas no estado do Rio Grande do Norte, Brasil.	2015
	SILVA, S. R. da. A trajetória do negro no Brasil e a territorialização quilombola.	2011
	NAVAS, R. et. al. Políticas públicas e comunidades tradicionais: uma análise dos projetos de desenvolvimento local sustentável na Mata Atlântica.	2014
	NAVAS, R. et. al. Transição alimentar em comunidade quilombola no litoral sul de São Paulo/Brasil.	2015
	SILVA, L. B. Impacto econômico e soberania alimentar e nutricional: um estudo de caso na comunidade negra rural palenqueira San Juan de Palos Prieto, região do caribe colombiano.	2016
	CAMPOS, M. C.; GALLINARI, T. S. A educação escolar quilombola e as escolas quilombolas no Brasil.	2017
	NAVAS, R.; KANIKADAN A. Y. S. O desenvolvimento como liberdade na Comunidade Quilombola do Carrasco no município de Arapiraca (AL).	2017
	SANTOS, J.; LIMA, S. H. S.; SOUZA, G. C. de. Políticas territoriais voltadas aos remanescentes de quilombos em territórios rurais no Rio Grande do Sul: o caso do quilombo Chácara da Cruz no município de Tapes.	2017
	NAVAS, R.; GARAVELLO, M. E. de P. E. Projetos agroecológicos em comunidade quilombola: análise a partir do território.	2018

Fonte: dos autores.

Quadro 3: Periódicos classificados em B1 - excelência nacional

Revista	Autor e título	Ano
Acta Geográfica	BECKER, C.; ANJOS, F. S. dos. Conciliando a fome com a vontade de produzir: a transversalidade nas políticas públicas.	2012
	NAHUM, J. S.; OLIVEIRA, J. B. de. Políticas de estado para comunidades remanescentes de quilombo na Amazônia Paraense.	2013

	BERNARDES, R. H. A importância do agroextrativismo nos processos produtivos e reprodutivos: o caso das famílias quilombolas na Amazônia oriental maranhense.	2014
	KATAOKA, C. S. Articulação entre Terreiros e Quilombos no Município de Ponta Grossa/PR.	2014
	SOFFIATTI, N. F. de L. Transição socioeconômica induzida por dinâmica territorial em comunidades quilombolas no Estado do Pará, Brasil, 1893 - 2013.	2016
Boletim de Geografia	ALVES, A. P. A. F. Comunidade enquanto espaço de múltiplas ações e percepções: o caso de uma comunidade quilombola em Ponta Grossa e a questão fundiária.	2015
Caderno de Geografia	OLIVEIRA, A. R. S.; SILVA, C. H. da. Território, territorialidade e identidade territorial: categorias para análise da dinâmica territorial quilombola no cenário geográfico.	2017
Estudos Geográficos	SILVA, L. B. Questão agrária: a construção do território no Quilombo Cafundó – SP.	2015
	SILVEIRA, Y. K. et. al. Percepção, interpretação e valoração da paisagem ambiental da Serra do Mar, São Luiz do Paraitinga e Ubatuba.	2017
Geografar	CHAVES, L. O.; SILVA, E. V. da. Organização socioespacial dos territórios quilombolas: o caso do Quilombo de Nazaré, Itapipoca, Ceará.	2016
	CIGOLINI, A. A.; SILVA, M. Comunidades remanescentes quilombolas: iconografias e circulações na Comunidade da Restinga – Lapa-PR, Brasil.	2018
GeoSul	ALMEIDA, C. de S. F.; LAROQUE, L. F. da S. Territorialidade, identidade e cultura da comunidade remanescente quilombola Ilha de São Vicente/Tocantins.	2019
	SILVA, J. S.; FERRAZ, J. M. G. Questão fundiária: a terra como necessidade social e econômica para reprodução quilombola.	2012
	DINIZ, R. F.; MINÉ, G.; TUBALDINI, M. (Re)significação e (re)invenção cultural quilombola: as espacialidades afro-brasileiras do Conjunto da Marujada e do Grupo Curiango no Vale do Jequitinhonha/MG.	2014
GeoTextos	MOSCAL, J. S.; SAHR, C. L. L. A criação do Parque Estadual das Lauráceas no contexto das políticas públicas ambiental e agrária no Paraná.	2015
	QUEIROZ, A. M. M. Belo Horizonte para quem? Versões territoriais negras para um espaço planejadamente branco.	2015
	PEDREIRA, G. C.; RAÚJO, C. C. Os conselhos territoriais quilombolas no estado da Bahia: mecanismos para um processo de controle social e governança territorial.	2018
Rev. Latino Americana de Geografia e Gênero	PEREIRA, L. da C. P.; AZINARI, A. P. da S.; FERREIRA, W. A. A. Participação e protagonismo das mulheres no Território da Cidadania da Baixada Cuiabana.	2018
	AMARAL, A. de S.; COSTA, B. A. L. Quilombo, cantos e tambores: as mulheres nos grupos Ganga Zumba e Herdeiros do Banzo - Ponte Nova/MG.	2019
Terra Livre	PEREIRA, C. de F. O mecanismo de poder da segurança jurídica no campo frente às demarcações de terras indígenas e quilombolas: discurso e cenário de expectativas para o rural brasileiro.	2018
	ROSSI, R. de C. Memória de outra cidade: os quilombos e a urbanização de Salvador (BA).	2019
Pegada Eletrônica	MONTEIRO, K. dos S. Dos territórios de reforma agrária à territorialização quilombola: o caso da Comunidade negra de Gurugi, Paraíba.	2010

Fonte: dos autores.

Quadro 4: Periódicos classificados em B2 - excelência nacional

Revista	Autor e título	Ano
Bol. Gaúcho de Geografia	MULLER, C.B.; FUJIMOTO, N. S. V. M.; WEIMER, R. de A. Remanescentes de quilombos na região de Morro Alto - RS: contribuição da geografia física do reconhecimento das áreas ocupadas.	2006
	ALVES, A. P. A. F.; SAHR, C. L. L. Os mundos rural e urbano: relações e interações do cotidiano de uma comunidade quilombola.	2012
Geografia	DINIZ, R. F.; SEIDL, R. A. de S.; TUBALDINI, M. A. dos S. Populações rurais e riscos socioambientais: reflexões sobre os impactos da agricultura moderna em comunidades camponesas e quilombolas do Vale do Jequitinhonha/MG.	2013
	ASSIS, A. T. de; TUBALDINI, M. A. dos S. A transposição do Rio São Francisco na voz dos quilombolas atingidos em Cabrobó (PE): a realidade do acesso a terra e a água.	2016
	FLORIANI, N. et. al. Medicina popular, catolicismo rústico, agrobiodiversidade: o amalgama cosmo-mítico-religioso das territorialidades tradicionais na região da Serra das Almas, Paraná, Brasil. Geografia, Rio Claro.	2016
	SILVA, C. A. da; FONSECA, M. A.; FONSECA, A. I. A. Populações tradicionais no norte de Minas Gerais: suas relações, pluralidades socioespaciais no campo, saberes e fazeress. Geografia.	2018
Geonordeste	SILVA, L. B. O processo do reconhecimento territorial e os impactos das políticas públicas no Quilombo Cafundó – SP.	2014
	ALVES, N. M. de S. et. al. Mudanças no cotidiano das comunidades tradicionais pesqueiras de Brejo Grande - Sergipe, Brasil.	2017
	DEUS, J. A. S. de. et. al. Os processos comunitários de reafirmação identitária e a constituição de paisagens culturais alternativas nos Vales dos Rios Doce e Jequitinhonha/MG – Brasil.	2018

	CAVIGNAC, J. A.; SILVA, D. Sabores e práticas culinárias das cozinheiras negras do Seridó.	2019
	SILVA, L. B. A dinâmica da construção do território no Quilombo Cafundó.	2019
Geografares	FERREIRA, S. R. B. “Donos do lugar”: a geo-grafia negra e camponesa do Sapê do Norte	2010
	LIMA, M. V. da C.; COSTA, S. M. G. da. Cartografia social das crianças e adolescentes ribeirinhas/quilombolas da Amazônia.	2012
	PASINI, I. P. L. Relações entre soberania alimentar, práticas alimentares e conflito territorial na comunidade Quilombola Angelim I - Sapê do Norte (ES).	2018
	VECINA, C. A. C. A expansão da disponibilidade de crédito PRONAF às comunidades quilombolas do Vale Do Ribeira/SP como expressão da crise imanente do capital.	2019
Geografias	FERREIRA, S. R. B. Brejo dos Crioulos: saberes tradicionais e afirmação do território.	2006
	VIEGAS, M. I. de A. Os sabores do sagrado nos saberes da Comunidade Quilombola dos Arturos.	2018
Revista de Geografia	ALMEIDA, N. A. R. L. de. “A terra e o homem do Brasil”: apontamentos iniciais para ler/pensar o espaço brasileiro.	2014
	SILVA, D. J. de S.: CHAVEIRO, E. F. Um quilombo em movimento: territorialidade e atuação política da Comunidade do Rosa, Macapá (AP).	2018
Revista Tamboios	ARAÚJO, T. F. de Por uma geografia dos outsiders: interpretação e aplicação da Lei 10.639 na rede municipal de Armação dos Búzios em sua relação com a comunidade remanescente do Quilombo da Rasa.	2011
	CORRÉA, G. S. Conteúdos possíveis a partir da Lei 10.639: às geo-grafias das comunidades remanescentes de quilombo no território brasileiro.	2011
OKARA: Geo. Debate	MONTEIRO, K. dos S.; GARCIA, M. F. Propriedade da terra, trabalho e território: o processo de destruição e reinvenção dos territórios do povo negro na Comunidade de Gurugi, Paraíba.	2012
Geografia em Questão	SILVA, S. R. da. Comunidades quilombolas e a política ambiental e territorial na Mata Atlântica.	2012
	PEREIRA, C. da S. Uma análise sobre as territorialidades e sociabilidades no Território Quilombola do Pêga em Portalegre – RN.	2014
	VIEIRA JUNIOR, I. R. Quando a memória é patrimônio: expressões de territorialidade de comunidades quilombolas.	2015
Geosaberes	CAMPOS, M. de C.; GALLINARI, T. S. Permanência e resistência das comunidades remanescentes de quilombos no Paraná.	2017
	ROCHA, B. T. G. et al. Construção do conhecimento geográfico na educação escolar quilombola: a cartografia participativa como caminho didático metodológico.	2017
Revista Brasileira de Educ. em Geografia	VALLADARES, M. T. R.; FRIGÉRIO, R. C. GRAÚNA: voos e cantos de crianças no currículo quilombola de uma comunidade escola.	2016
	CIRQUEIRA, D. M. “Tem que partir daqui, é da gente”: a construção de uma escola “outra” no Quilombo Campinho da Independência, Paraty-RJ.	2019
Rev. Geograficidade	ALVES, T. T.; SAHR, W. D.; SAHR, C. L. L. O quilombo e suas “transgressões” étnico-religiosas: um estudo de geografia social na perspectiva goffmaniana.	2016

Fonte: dos autores.

Quadro 5: Periódicos classificados em B3 - de média relevância

Revista	Autor e título	Ano
Boletim Campineiro	SILVA, C. L. da. Compartimentos quilombolas e a luta por direitos no estado do Paraná (Brasil).	2014
Cerrados	FONSECA, A. I. A.; SANTOS, E. V. Socioterritorialidade no Norte de Minas: lugar de vida - tradição e modernidade.	2007
	MOTA, L. L. de S. et. al. Abordagem etnobotânica continuada na comunidade remanescente de Quilombo Palmeirinha, Pedras de Maria da Cruz - MG.	2016
	LOPES, C. J. O. O território quilombola de Araquembaua: titulação, mudanças e permanências.	2017
	MASCARENHAS, C. A. de S. Reflexões sobre território e educação quilombola: tensões e resistências.	2017
	SANTOS, L. M.; PEREIRA, A. M.; PAULA, A. M. N. R. de. Comunidades remanescentes de quilombos: reflexão sobre territorialidades.	2018
Élisée - Revista de Geografia	NETO, A. O. A pecuária tradicional como forma de (re)existir no campo: o gado Curraleiro no Território Quilombola Kalunga, na região nordeste de Goiás.	2016
	MIRANDA, E. O. Experiências do corpo-território: possibilidades afro-brasileiras para a Geografia Cultural.	2017

Fonte: dos autores.

Quadro 6: Periódicos classificados em B4 - de média relevância

Revista	Autor e título	Ano
Para Onde!?	SANTOS, R. J.; LEÃO, E. M. As festas, as relações sociais e os vínculos territoriais na Comunidade	2019

	Quilombola João Borges Vieira-Uruaçu-GO.	
Espaço em Revista	BORGES, J. de A.; SOUZA, J. C. de; MARTINS, P. T. de A. O Território Kalunga da Comunidade Engenho I, Cavalcante-GO: perspectiva histórica e análise geográfica por meio de trabalho de campo.	2014
Percurso	INACIO, J. B.; SANTOS, R. J. As territorialidades e os modos de vida rurais redefinidos pelo setor sucroalcooleiro em Carneirinho - MG.	2014
Entre Lugar	SOUZA, J. B. A. de; MORETTI, E. C. Formação e resistência das comunidades quilombolas no município de Corumbá – MS.	2019
Ver. Mov. Sociais e Dinâmicas Espaciais	SUZUKI, J. C.; MARTINS, M. H. Jovens quilombolas e a mobilidade do trabalho nas Comunidades da Poça e do Mandira, no Vale do Rio Ribeira de Iguape – São Paulo.	2015
	ARAUJO, O. Movimentos sócio-territoriais urbanos: a resistência dos sem-teto do ‘Quilombo Lucas da Feira’ (Feira de Santana-Bahia-Brasil).	2017
Interespaço	SANTOS, D. dos. Cartografia social: o estudo da cartografia social como perspectiva contemporânea da geografia.	2016
	MASCARENHAS, C. A. de S. Políticas de estado no espaço agrário amazônico: a construção da ferrovia Açaílândia (MA) - Barcarena (PA) no Quilombo de África e Laranjituba em Moju (PA).	2018

Fonte: dos autores.

Quadro 7: Periódicos classificados em B5 - de média relevância

Revista	Autor e título	Ano
Ensaios de Geografia	MONTEIRO, G. R. F de F. O quilombo em questão: sobreposições e insurgências a partir do conflito socioambiental e territorial da comunidade negra do grotão no parque estadual da serra da tiririca.	2015
GeoIngá	MOSCAL, J. S. Territórios tradicionalmente ocupados: um retrato do entorno quilombola do Parque Estadual das Lauráceas no Vale do Ribeira-PR.	2015
GeoPUC	PENNA-FIRME, R. Turismo étnico quilombola: equilibrando-se entre “modernidade” e “tradição”.	2013
GeoTemas	LUCENA, C. S. de S.; LIMA, F. E. de S.; PEREIRA, C. da S. A agricultura familiar na Comunidade Quilombola do Pêga, em Portalegre – RN.	2016
Geo. Opportuno Tempore	SILVA, D. J. de S.; RATTS, A. J. P. O processo de territorialização do Quilombo do Rosa, Macapá-AP.	2017
Revista Tocantinense de Geografia	FERREIRA, M. P. L. Exclusão no novo rural brasileiro: uma análise sobre a comunidade rural quilombola no município de São Miguel do Guamá-PA.	2015
	RAMOS, N. V.; PADOAN, L. de L. F. Conflitos territoriais: comunidades tradicionais e a implementação de unidades de proteção integral.	2016
	DUARTE, S. C.; TORRES, M. A. Capitalismo e resistência no campo.	2018
Tempo - Técnica - Território	ANJOS, R. S. A. dos. <i>et. al.</i> Relatório de trabalho de campo no Território Quilombola Kalunga. Goiás - Tocantins.	2016
	VILELA, R. O.; CAMPOS, L. de O. N. Contemporary quilombos and biodiversity protection: a theoretical conceptual approach.	2016

Fonte: dos autores.

Quadro 8: Periódicos classificados em C - de baixa relevância

Revista	Autor e título	Ano
Homem, Espaço e Tempo	SILVA, J. C. da; ALBUQUERQUE, F. N. B. de; NASCIMENTO, M. C. dos. As comunidades remanescentes de quilombos das regiões da Baía de Camamu (BA) e do núcleo Picinguaba do Parque Estadual da Serra do Mar (SP): um olhar sob a perspectiva socioambiental.	2013
Territorial	LIMA, L. N. M. de; ALMEIDA, M. G de. A identidade territorial Kalunga e perspectivas para o desenvolvimento do turismo nas comunidades Diadema e Ribeirão.	2012
	OLIVEIRA, F. B.; D'ABADIA, M. I. V. Ensaio sobre os quilombos de Goiás.	2014

Fonte: dos autores.

Isto posto, ressalta-se que a abordagem metodológica e, consequintemente, a escolhas dos critérios de análise adotados, possibilitaram observar que, em termos quantitativos, 45% das revistas analisadas apresentaram estudos sobre as dinâmicas socioespaciais de comunidades de quilombo e/ou quilombolas e dentre o universo de exemplares, publicados entre os anos de 2000 e 2019, aqueles que apresentaram abordagens sobre a temática em análise correspondem

a apenas 4,5% do total de 2.456.

Os estudos inaugurais sobre os territórios de quilombo nas revistas brasileiras de geografia

Embora o período de análise selecionado para a realização desta pesquisa tenha como referência o ano de 2000, foi apenas em 2003 que o primeiro estudo sobre a temática quilombola foi publicado pela Revista GEOgraphia (UFF), inaugurando o conjunto de pesquisas aqui apresentado. O artigo *Comunidade Kalunga: trabalho e cultura em terra de negro*, foi escrito por Gilmar Alves de Avelar e por Marise Vicente de Paula, a partir, de acordo com os próprios autores, de um projeto de extensão realizado nas comunidades Kalunga, nos povoados de Vão de Alma, Vão do Moleque, Engenho e Diadema, próximos aos municípios de Teresina de Goiás e Cavalcante, ambos localizados no estado em Goiás, no ano de 1999, por iniciativa do Programa Universidade Solidária, Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade de Brasília (UnB) e a Fundação Palmares.

O artigo em questão faz parte da produção científica da Prof^a Dr^a Marise de Paula que defendeu sua dissertação de mestrado no mesmo ano da publicação de seu primeiro artigo, 2003, e, posteriormente, dedicou-se ao debate étnico-racial em diferentes espaços de estudo. É notório neste primeiro artigo de nosso levantamento, a grande influência de referências intelectuais de outras áreas do saber. Isto se deve, a nosso ver, a incipiente produção geográfica de estudos relacionados à temática quilombola até então.

O ano de 2003, neste sentido, deve ser considerado como um marco não apenas para a Geografia, mas para todas as áreas do saber científico no Brasil. Isso se deve às mudanças ocorridas no cenário político brasileiro, principalmente após a promulgação da Lei Nº 10.639, em 09 de janeiro do referido ano, pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva, que alterou a Lei Nº 9.394/1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação e que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade do Ensino das Relações Étnico-Raciais e do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, com objetivos de promover, no âmbito da Educação Básica Nacional, ações e intervenções antirracistas e antidiscriminatórias (BRASIL, 2004).

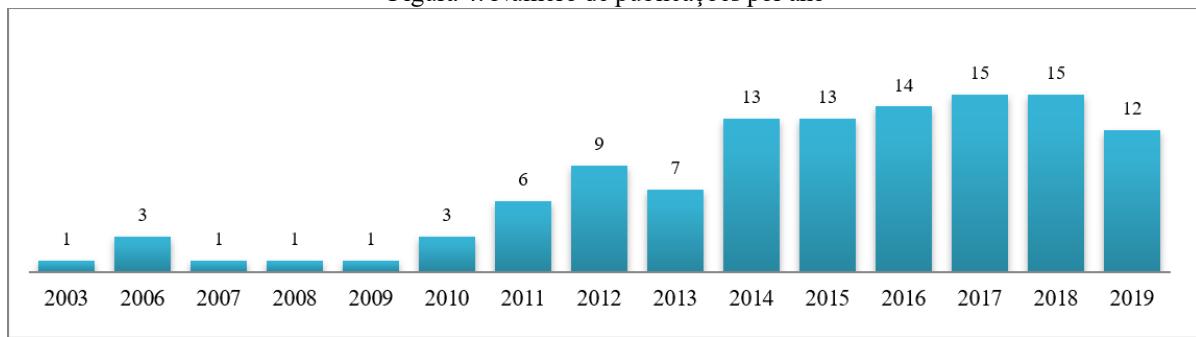
Recorda-se ainda que, visto a necessidade de formulação de políticas e diretrizes efetivas para a promoção da igualdade racial, reivindicações tão caras do Movimento Negro, é criada a partir da Medida Provisória Nº 111, de 21 de março do mesmo ano, e convertida na Lei Nº 10.678, a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, a SEPPIR,

consolidando-se como um importante instrumento governamental de luta com fins precisos para lidar com o planejamento, coordenação, execução e avaliação do Programa Nacional de Ações Afirmativas do país.

Embora o debate aqui encaminhado não se atente às análises de tal conjuntura política ou de suas nuances e desdobramentos no cenário nacional, não se pode perder de vista que as pesquisas geográficas sobre a questão étnico-racial e quilombola ganharam visibilidade em tal contexto, quando muitos pesquisadores brasileiros se atentaram para uma inversão de paradigmas que tendia a se consolidar, dentre eles, de não mais representar o negro enquanto produto de um regime servil, ou seja, de retratá-lo como mercadoria ou vítima de processos históricos de escravização, exploração e espoliação. É neste cenário que as disciplinas de História da África, assim como os primeiros cursos de pós-graduação - *lato sensu* - em Educação das Relações Étnico-Raciais, voltadas para a formação de professores, irão se desenhar nas universidades de todo o país retratando o negro, a partir de então, como sujeito-histórico, valorizando seus costumes e tradições, considerando o seu passado de grandes civilizações em terras africanas (GOMES, 2000), fator que demandou a necessidade de se “rever” a leitura e compreensão socioespacial empreendida sobre as diferentes formas de manifestação da cultura-negra no Brasil, dentre elas a constituição, resistência e tantos outros aspectos culturais, políticos e espaciais dos territórios de quilombo.

As leis Nº10.639/03 e Nº10.678/03 foram importantes marcos legais, frutos das insistentes reivindicações dos Movimentos Negros e Quilombolas, mas as mudanças esperadas no campo da Ciência Geográfica se refletiram, com mais notoriedade, apenas na década seguinte, após o ano de 2010, conforme observado na figura 3.

Figura 4: Número de publicações por ano



Fonte: dos autores.

Cabe pontuar que não foi possível identificar artigos referentes à temática quilombola nos anos de 2004 e 2005. No entanto, em 2006 foram publicados 3 artigos bastante específicos de

nossa área de investigação; assim denominados: (1) Campesinidade e território quilombola no norte do Espírito Santo, na Revista GEOgraphia (UFF); (2) Brejo dos Crioulos: saberes tradicionais e afirmação do território, na Revista Geografias (UFMG), ambos publicados pela Profª. Drª. Simone Raquel Batista Ferreira; e (3) Remanescente de quilombos na região de Morro Alto – RS: contribuição da Geografia Física do reconhecimento das áreas ocupadas, no Boletim Gaúcho de Geografia (UFRGS) elaborado por Cíntia Beatriz Muller, Nina Simone Vilaverde Moura Fujimoto e Rodrigo de Azevedo Weimer.

Faz-se relevante colocar em evidência as pesquisas realizadas pela Profª. Drª. Simone Raquel Batista Ferreira em virtude de seu pioneirismo e ativismo à causa quilombola. Ferreira (2006) debruçou-se sobre a disputa de terras quilombolas desde sua pesquisa de mestrado, defendido em 2002, quando denunciou as práticas perversas da empresa Aracruz Celulose e a perda de terras por parte das comunidades tradicionais existentes no extremo norte do Espírito Santo, dentre elas os quilombolas, comunidades extrativistas, ribeirinhas e pescadoras. Já a sua tese de doutorado tratou, de maneira mais específica, da territorialidade quilombola de Sapê do Norte, dando continuidade às suas pesquisas, além de artigos científicos, capítulos de livros, livros, relatórios de pesquisa e tantos outros trabalhos científicos acerca desta temática. Sua produção pode ser encarada como basilar para as produções futuras, tendo em vista seu pioneirismo no âmbito da Ciência Geográfica e pela qualidade de suas pesquisas.

Nesse caso, vale assinalar que os artigos mencionados compreendem aos desdobramentos das pesquisas realizadas por Ferreira e, também, de projetos de identificação e delimitação de comunidades remanescentes de quilombos. Em ambos os artigos é possível notar a preocupação da autora em demonstrar a importância do território (substrato material e imaterial) para o resgate e manutenção da territorialidade e identidade quilombola; além de evidenciar relatos de manifestações violentas vividas pelos remanescentes das comunidades estudadas, seja pelos interesses do capital local, seja pela inação do poder público responsável pela garantia dos direitos dos quilombolas.

No que se refere ao artigo elaborado por Muller, Fujimoto e Weiner (2006), acima citado, o estudo apresenta as inúmeras contribuições da Geografia Física para a elaboração do relatório técnico de reconhecimento da Comunidade Negra de Morro Alto enquanto remanescente de quilombo. No entanto, o que se considera mister destacar é que o artigo evidencia a importância da Geografia e de um profissional da área na composição de grupos

de trabalhos responsáveis pela elaboração de relatórios técnicos que reconhecem e atestam a legitimidade de comunidades remanescentes de quilombos.

No ano seguinte, em 2007, identificou-se a publicação de apenas um artigo intitulado *Socioterritorialidade no Norte de Minas: lugar de vida – tradição e modernidade*, escrito por Ana Ivânia Alves Fonseca e Ellen Vieira Santos, publicado na Revista Cerrados (UNIMONTES). O artigo aborda o problema territorial, da região norte de Minas Gerais, gerado pela introdução da monocultura da cana de açúcar, ainda no início do século XX, e pelos plantios, também monocultores, de eucalipto e algodão, a partir da década de 1970, de forma que pequenos produtores rurais, remanescentes de quilombos, índios e populações tradicionais fossem expropriados de suas terras em função da necessidade de apropriação de novas extensões de terras pelos grandes produtores.

Vale ressaltar que o artigo apenas menciona a condição quilombola no problema territorial debatido e não analisa um quilombo específico ou os problemas particulares vivenciados pelas comunidades quilombolas no Brasil. No entanto, acredita-se ser importante contabilizá-lo neste estudo, tendo em vista a preocupação dos autores em evidenciar os problemas das comunidades quilombolas, num período em que tais populações não tinham visibilidade e/ou não eram representadas nos estudos geográficos.

E por último, o artigo *O espaço territorial como referência para a construção da cidadania: uma reflexão geográfica introdutória sobre o problema das demarcações de terras de populações “remanescentes”*, dos autores Isabel Araújo Isoldi e Clayton Silva, publicado em 2008, pela Revista RA'EGA (UFPR), e publicado *ipsis litteris* em 2009 na Revista Ateliê Geográfico (UFG), e que por tal motivo, far-se-á uma única apresentação.

O artigo em tela, o último analisado dos primeiros dez anos de nosso recorte temporal, não apresenta um objetivo claro a ser debatido, entretanto discute as transformações econômicas e populacionais brasileiras a partir do século XX e a tentativa de se ocupar os espaços “vazios” do interior do país, o que evidencia a invisibilização dos povos tradicionais, dentre eles os quilombolas, a partir da perspectiva do Estado.

Os autores, ainda, destacam algumas mudanças legais em relação ao povo negro e aos remanescentes de quilombos, mas apontam principalmente para as dificuldades enfrentadas pelos quilombolas no reconhecimento de sua condição e garantia de seu território; como pode ser observado no trecho destacado abaixo:

[...] essas comunidades apresentam uma realidade múltipla e diferem bastante entre si. Ainda que resguardem semelhanças, devido ao processo histórico da escravidão, a multiplicidade está presente tanto no que diz respeito às origens, que podem apresentar históricos de quilombos guerreiros, terras herdadas de ex-senhores, terras compradas pelos negros, quanto às manifestações do presente, como manifestações culturais, religiosas, localização no território nacional, quantidade de casas e de pessoas na comunidade, extensão territorial, uso dos recursos, estágio na luta de acesso aos direitos territoriais, por exemplo (ISOLDI; SILVA, 2008, p. 73).

O que se pode notar é que tais apontamentos soam como atuais aos estudiosos da questão quilombola, o que faz deste trabalho uma fonte de pesquisa proveitosa e atual. Ademais, a leitura deste artigo é a confirmação que, em termos legais, tem-se o aparato necessário a garantir o reconhecimento e a titulação dos territórios dos remanescentes de quilombo, mas o processo para tal êxito é moroso, tortuoso e, na grande maioria dos casos, estéril.

Portanto, o conjunto de trabalhos publicados na primeira década de nossa análise (2000-2009) que, de fato, inauguraram os debates sobre a temática quilombola nas revistas brasileiras de Geografia, demonstram não apenas seu ineditismo, mas a importância de se trazer o debate para a perspectiva geográfica. Logo, acredita-se que, a partir do pioneirismo desses seis trabalhos e da promulgação das políticas e diretrizes efetivas para a promoção da igualdade racial (2003), é que se pôde modificar abissalmente o quantitativo de trabalhos na década seguinte e avolumar o arcabouço teórico e empírico dedicado à temática quilombola na Geografia.

Os estudos sobre territórios de quilombo e a questão quilombola nas revistas brasileiras de geografia - uma perspectiva estatístico-matemática

Ao contrário do que fora observado entre os anos 2000 e 2009, o período dos anos de 2010 a 2019 se constituíram como terreno promissor para a ampliação dos debates sobre a questão dos territórios de quilombo e/ou da questão quilombola no âmbito da Ciência Geográfica, demonstrando um crescimento exponencial em números absolutos, de sete para cento e sete artigos publicados pelas revistas brasileiras de Geografia, somando um total de cento e quatorze trabalhos nos últimos vinte anos. Em termos percentuais, o aumento do número de publicações foi de 1.428%.

Dentre as revistas analisadas, o periódico da Universidade de Goiás (UFG), Ateliê Geográfico, publicou ao longo dos últimos 20 anos, onze artigos referentes à temática em debate, destacando-se como o periódico com maior número de publicações sobre estudos

referentes aos territórios de quilombo no Brasil. O crescimento das publicações na revista em tela também teve significativo aumento entre as décadas analisadas: de 2000 a 2009 a revista publicou apenas um (1) artigo com a tônica quilombola, e de 2010 a 2019 foram dez artigos publicados, número que coloca a revista em destaque neste trabalho, e, também, para aqueles que desejam se debruçar sobre os estudos já produzidos referentes às questões inerentes aos quilombos.

O periódico NERA – Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente, também assume um perfil peculiar de crescimento sobre a temática em análise. Pois, entre os anos de 2010 e 2019 publicou oito artigos científicos que contemplaram a questão quilombola, sendo quatro destes (50%) escritos por autores de outra área do saber científico que não a Geografia. Neste caso, faz-se importante sinalizar que as discussões propostas por autores não-geógrafos não apresentam um debate espacial, tampouco contemplam em seus estudos as categorias de análise específicas da Ciência Geográfica, fato que não invalida a importância dos estudos, mas que apresenta uma roupagem diferente daquela esperada em revistas de Geografia.

Ainda em termos quantitativos, vale sinalizar que foi possível identificar no acervo on-line das Revistas Acta Geográfica, GeoTextos, Geografia (UNESP), GeoNordeste e Cerrados, a publicação de cinco artigos em cada uma delas – número acima da média verificada ao longo de todo o período analisado, isso entre os anos 2000 e 2019.

Em caráter de exemplificação, a análise dos gráficos representados nas Figuras 5 e 6 permite visualizar e comparar o número de artigos publicados entre os periódicos classificados como A1 e A2, reconhecidos como de excelência internacional. Todas as quatro revistas classificadas como A1 apresentaram pelo menos um (1) artigo sobre a questão quilombola, totalizando seis trabalhos. Já as revistas classificadas como A2, temos que: das sete revistas, cinco apresentaram estudos sobre a temática em tela, totalizando 27 artigos científicos.

Figuras 5 e 6: Número de artigos publicados em periódicos de excelência internacional

Figura 5: Revistas A1

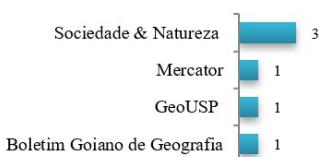
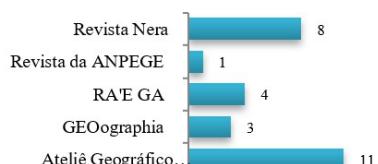


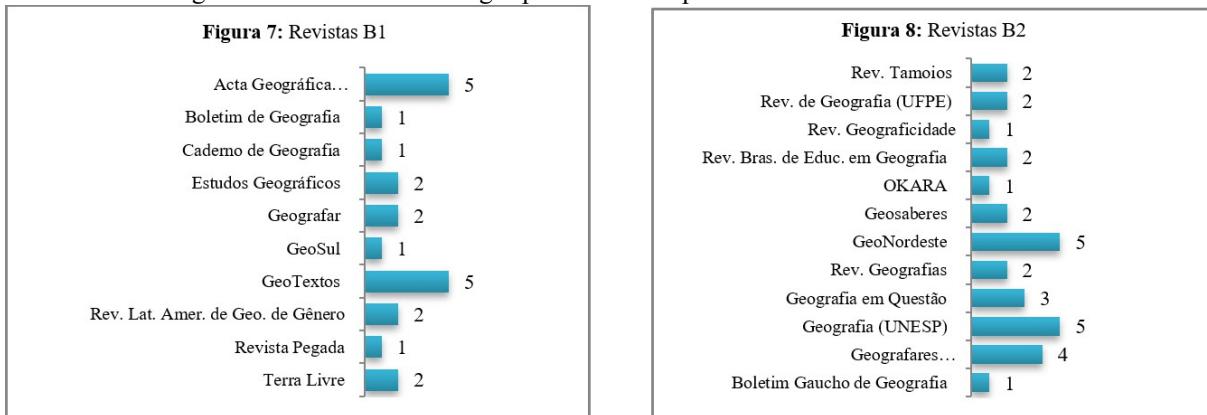
Figura 6: Revistas A2



Fonte: dos autores.

As Figuras 7 e 8 revelam os números referentes aos periódicos classificados como B1 e B2 de excelência nacional. Ressalta-se que dos quinze periódicos B1, dez apresentaram um total de vinte e dois artigos sobre a questão quilombola. Já nos doze periódicos classificados como B2, observam-se seis revistas com trinta artigos publicados sobre o tema em discussão.

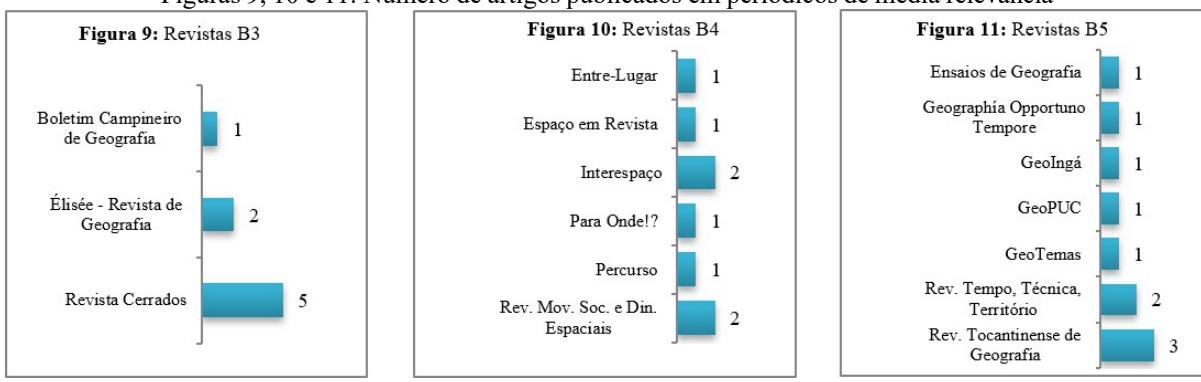
Figuras 7 e 8: Número de artigos publicados em periódicos de excelência nacional.



Fonte: dos autores.

A análise das revistas classificadas como B3, B4 e B5, periódicos de média relevância, apresentaram poucos exemplares contendo estudos sobre quilombos e quilombolas. O somatório de revistas B3, B4 e B5 analisadas resultam em trinta e nove e apenas dezesseis delas apresentaram artigos referentes à temática abordada. O número de artigos também foi abaixo, em termos comparativos e percentuais, daqueles vistos nas revistas de média e alta relevância, com exceção para a Revista Cerrados (UNIMONTES) que publicou cinco pesquisas sobre o tema (Figuras 9, 10 e 11).

Figuras 9, 10 e 11: Número de artigos publicados em periódicos de média relevância

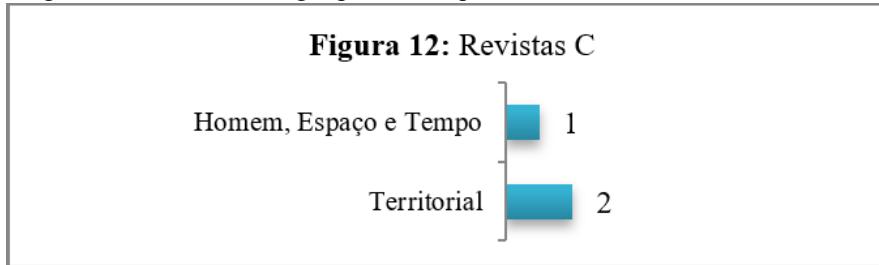


Fonte: dos autores.

As revistas de baixa relevância, classificadas como C, apresentaram números ainda menores, seja de periódicos preocupados com a questão quilombola, seja no quantitativo de

estudos publicados nessas revistas. Ao observar o Gráfico 12, e já de posse das informações da Figura 1, é possível afirmar que das seis revistas analisadas, apenas duas delas apresentaram artigos sobre quilombos e quilombolas, os quais somados resultaram em somente três trabalhos.

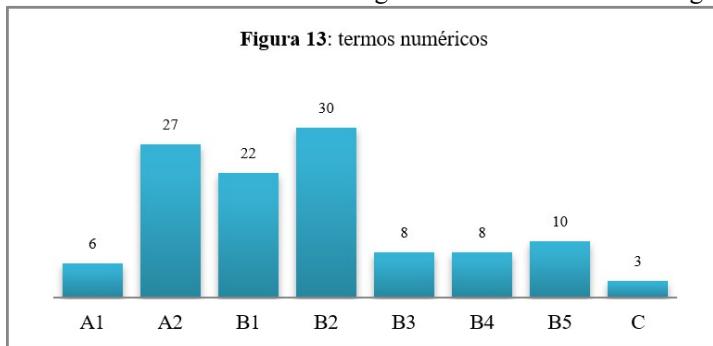
Figura 12: Número de artigos publicados periódicos de baixa relevância científica



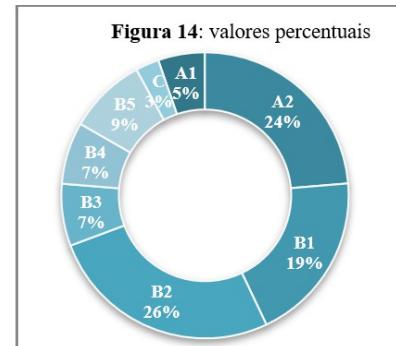
Fonte: dos autores.

Tendo concluída a análise quantitativa dos artigos publicados nas revistas brasileiras de Geografia que abordaram a temática quilombola, tem-se que os periódicos classificados como B2 foram aqueles que tiveram um maior número absoluto de publicações (trinta), seguido pelas revistas A2 (vinte e sete), conforme demonstrado nas Figuras 13 e 14.

Figuras 13 e 14: Número de artigos encontrados



Fonte: dos autores.



As revistas Ateliê Geográfico e NERA, ambas classificadas como A2, quando somados os seus artigos publicados ao longo dos anos 2000 a 2019, apresentam um número absoluto, com dezenove artigos referentes à temática em tela – valor que em termos percentuais representa aproximadamente 18% de toda a produção encontrada nas revistas brasileiras de Geografia.

Considerações Finais

O presente artigo é resultado do projeto de pesquisa “(Re)pensando a formação do espaço agrário brasileiro: o protagonismo negro nos setores ‘marginais’”, realizado ao longo do ano de 2019 na UEMG/Carangola. Seu objetivo, porém, foi concluído no final do primeiro semestre de 2020, após uma cuidadosa análise e revisão das revistas e artigos apurados. Conforme explanado ao longo deste artigo, os procedimentos metodológicos utilizados tiveram por objetivo elucidar quantitativamente os artigos elaborados no âmbito da Ciência Geográfica que abordassem os estudos sobre as temáticas inerentes ao processo de formação, resistência, territorialidade e identidade dos territórios de quilombo.

Deste modo, o levantamento quantitativo dos artigos selecionados demonstrou uma grande disparidade de publicações entre as décadas pesquisadas: enquanto na primeira década da investigação obtiveram-se sete publicações sobre a questão quilombola, a década seguinte apresentou cento e sete diferentes estudos sobre a mesma temática. O que nos permite constatar um aumento de 1.428% do número de publicações sobre estudos referentes aos territórios de quilombo e questões quilombolas nas revistas brasileiras de Geografia.

Apesar do baixo número de artigos publicados na primeira década de estudo, é importante evidenciar não apenas os autores-pesquisadores pioneiros dos estudos quilombolas na Geografia que tiveram de se lançar a campo sem uma base teórica consolidada em sua própria Ciência, mas também os periódicos que publicaram tais estudos, demonstrando o reconhecimento da relevância desse “novo” campo de estudos. Neste momento, faz-se necessário destacar a importância da Revista GEOgraphia (UFF) como pioneira nas publicações de estudos referentes à temática quilombola, sendo também aquela que publicou o maior número de estudos na primeira década de nossa investigação (2000-2009), num total de dois artigos publicados. Ou seja, 29% de todas as publicações feitas no mesmo período.

As revistas Ateliê Geográfico (UFG) e NERA (UNESP) também merecem destaque, visto que apresentaram números relevantes de publicações sobre a temática em tela, ao longo dos 20 anos do estudo aqui proposto. Quando somados os seus artigos, ambas apresentam um número absoluto de dezenove artigos, o que representa aproximadamente 18% de toda a produção encontrada nas revistas brasileiras de Geografia, tornando-as referências para o pesquisador da área.

O aumento expressivo de publicações entre as décadas analisadas deve ser creditado aos pesquisadores e periódicos que se lançaram nos estudos da temática quilombola, mas também,

e talvez principalmente, ao conjunto de leis sancionadas no ano de 2003 que garantiu o arcabouço legal para uma revisão teórica em todas as áreas do saber científico, além de alterar a LDB incluindo a obrigatoriedade do Ensino das Relações Étnico-Raciais e do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, com objetivos de promover, no âmbito da Educação Básica Nacional, ações e intervenções antirracistas e antidiscriminatórias, mudanças que se refletiram em todos os segmentos de todas as áreas do saber científico, inclusive na Geografia. Foi a partir deste momento que as pesquisas geográficas sobre a questão étnico-racial e quilombola ganharam visibilidade e se avolumaram, conforme identificado ao longo deste trabalho.

E, por fim, espera-se que os dados aqui apresentados possam representar um acervo ou referência para os pesquisadores que se aventurem a compreender os territórios quilombos e, ainda, sobre as questões que envolvem os povos quilombolas, sob a perspectiva da Geografia, haja vista que o objetivo dos presentes autores vislumbrou contribuir para a promoção de novas e/ou outras abordagens acerca do tema, ampliando o debate sobre o fenômeno quilombola no âmbito da Ciência Geográfica.

Referências Bibliográficas

- AVELAR, G. A.; PAULA, M. V. Comunidade Kalunga: trabalho e cultura em terra de negro. **GEOgraphia**, Niterói, v. 5, n. 9, p. 115-131, 2003. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13446/8646>. Acesso em: 04 nov. 2019.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de história e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Parecer CNE/CP 3/2004**, de 10 de março de 2004.
- FERREIRA, S. R. B. Brejo dos Crioulos: saberes tradicionais e afirmação do território. **Revista Geografias**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 58-77, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/13195>. Acesso em: 06 nov. 2019.
- FERREIRA, S. R. B. Campesinidade e território quilombola no norte do Espírito Santo. **GEOgraphia**, Niterói, ano VIII, n. 16, p. 57-82, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13522/8722>. Acesso em: 04 nov. 2019.
- FONSECA, A. I. A.; SANTOS, E. V. Socioterritorialidade no Norte de Minas: lugar de vida, tradição e modernidade. **Revista Cerrados**, Montes Claros, v. 5, n. 01, p. 85-94, 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/2928/2921>. Acesso em: 08 nov. 2019.
- GOMES, N. L. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2000, p. 83-96.
- ISOLDI, I. A.; SILVA, C. L. O espaço territorial como referência para a construção da cidadania: uma reflexão geográfica introdutória sobre o problema das demarcações de terras de populações

“remanescentes”. **RA ‘E’ GA**, Curitiba, n. 16, p. 73-79, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/12681/9918>. Acesso em: 04 nov. 2019.

ISOLDI, I. A.; SILVA, C. L. O espaço territorial como referência para a construção da cidadania: uma reflexão geográfica introdutória sobre o problema das demarcações de terras de populações remanescentes. **Ateliê Geográfico**, v. 3, n. 1, p. 30-43, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/6253/4745>. Acesso em: 04 nov. 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, E.; SILVEIRA, A. F. S. e. Espaço, debate e (in)visibilidade: estudos sobre terreiros de candomblé em revistas brasileiras de Geografia (2000-2019). **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 581-599, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/173361>. Acesso em: 18 jul. 2021.

MULLER, C. B.: FUJIMOTO, N. S. V. M.; WEIMER, R. A. Remanescentes de quilombos na região de Morro Alto - RS: contribuição da geografia física do reconhecimento das áreas ocupadas. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 30, p. 8-21, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37479/24221>. Acesso em: 06 nov. 2019.